

# Morfossintaxe e o ensino de língua materna: uma reflexão sobre estruturas que materializam a comunicação em língua portuguesa

---

Alessandra Folha Mós Landim<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo ocupa-se de uma reflexão sobre o papel da morfossintaxe no ensino de língua materna e em questões que podem auxiliar o professor de língua portuguesa a colocar essas noções em prática em sala de aula sem desprezar a comunicação, ou seja, pondera que é possível trabalhar questões estruturais de língua da perspectiva de atos comunicativo-linguageiros. Passa pela noção de contrato de comunicação como pano de fundo para as reflexões que se interpõem e, dessa perspectiva, revisita os eixos sintagmático e paradigmático para então abordar a temática do estudo das estruturas linguísticas sob a visão do ato de comunicação. O artigo procura responder à problemática sobre o papel da morfossintaxe no ensino de língua materna, reflete sobre as estruturas linguísticas que materializam a comunicação e, por fim, ancorado em práticas pedagógicas, insere as noções morfossintáticas no plano do trabalho do professor de língua materna desembocando em uma reflexão sobre a importância dos estudos estruturais sempre aliados aos elementos comunicativos constitutivos dos processos linguísticos.

**Palavras-chave:** morfossintaxe; contrato comunicativo; prática pedagógica.

## Morphosyntax and maternal language teaching: a reflection on structures that materialize communication in portuguese language

**Abstract:** This article deals with a reflection on the role of morphosyntax in the teaching of mother tongue and on questions that may help Portuguese teachers to put these notions into practice in

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na área de Análise do Discurso. Mestre em Letras (Estudos da Linguagem) pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), na linha Tradução e Práticas Discursivas. Pós-graduação *latu sensu* em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp) e graduada em Letras – Português/Inglês pela mesma instituição. Professora no curso de graduação em Letras EAD no Unasp. E-mail: cna.alessandrafolha@gmail.com

the classroom without neglecting communication, that is, it is possible to work on structural language issues from the perspective of communicative-linguistic acts. It goes through the notion of communication contract as a background for the reflections that are interposed and, from this perspective, revisits the syntagmatic and paradigmatic axes to then approach the theme of the study of the linguistic structures under the vision of the act of communication. The article tries to answer the problematic question about the role of the morphosyntax in the teaching of mother tongue, reflects on linguistic structures that materialize the communication and, finally, anchored in pedagogical practices, inserts the morphosyntactic notions in the work plan of the mother tongue teacher ending up in a reflection on the importance of structural studies always allied to the communicative elements constituting the linguistic processes.

**Keywords:** morphosyntax; communicative contract; pedagogical practice.

Este artigo resulta de uma revisita a uma pesquisa bibliográfica passada sobre o papel das estruturas linguísticas no ensino de língua portuguesa, especialmente no que tange à prática profissional da área de licenciatura em letras. O antigo trabalho de nossa autoria, citado nas referências deste artigo, não contempla nossas presentes postulações em sua totalidade, por isso, foi necessária uma nova produção que, embora inspirada nas temáticas proposta ali, renasce sob diferente ancoragem, especialmente no que tange à noção de contrato de comunicação que nos serve de pano de fundo para as reflexões em morfofossintaxe. Difere este também do trabalho que nos inspira no sentido de contemplar algumas possibilidades reais para o trabalho em sala de aula, muito embora essas noções não estejam sendo tratadas com profundidade devido às necessidades do próprio texto que ora se inicia, pois estamos inseridos no gênero artigo científico, que não tem possibilidade de explorar todos os conteúdos evocados pelas propostas temáticas.

Este trabalho nasce também da preocupação sobre os aspectos estruturais da língua que não devem passar despercebidos pelo professor de língua materna, muito embora a necessidade de leitura e produção de textos seja significativamente importante nas atividades propostas em sala de aula. Passados alguns anos desde a confecção daquela primeira pesquisa, repassamos por suas formulações e propomos aqui um texto de reflexão sobre algumas questões importantes no tocante ao ensino de língua materna, sempre ancorados na língua como fator social que move os eventos comunicativos em todos os espectros da vida em sociedade.

É importante salientar que este trabalho se ocupa de refletir sobre elementos morfofossintáticos na medida em que são constitutivos da estrutura linguística que coloca a língua em funcionamento. Colocar a língua em funcionamento ainda nos remete à noção de enunciação, de construção discursi-

va e de todos os elementos que tornam essas noções possíveis, como é o caso das próprias regras que colocam em jogo o ato comunicativo.

Sobre isso, de uma perspectiva de panorama e de pano de fundo, é importante lembrar a noção de contrato proposta por Charaudeau (2004), que pressupõe uma determinada forma de produção comunicativo-linguagem de acordo com a situação de comunicação. Para o autor, “a situação de comunicação é, assim, o que determina, através das características de seus componentes, as condições de produção e de reconhecimento dos atos de comunicação, condições de enunciação sob seu aspecto externo” (CHARAUDEAU, 2004, p. 26). O contrato de comunicação tem relação direta com o

conjunto de condições que permitem a realização dos atos de comunicação. O contrato é aquilo que permite [ou não] que os parceiros de uma troca linguageira reconheçam mutuamente suas respectivas identidades ou traços identitários, reconheçam a finalidade do ato no qual estão implicados, captem o tema da troca linguageira, dentro de uma determinada situação e contexto (informação verbal).<sup>2</sup>

A proposição de Charaudeau sobre o contrato comunicativo, cuja base se encontra diretamente ligada ao ato de comunicar-se, leva-nos a ponderar seu lugar nas escolhas do enunciador no que diz respeito, dentre outras questões, 1) ao seu modo de falar; 2) suas escolhas lexicais; 3) suas preocupações com entonação e, muito importante em nossa ótica aqui; 4) suas preocupações com noções estruturais como concordância e construção de um enunciado compreensível do ponto de vista morfofossintático. Para ilustrar um pouco nossa proposição, podemos tomar como exemplo um diálogo em uma entrevista de emprego. Um entrevistador cuidará de fazer escolhas linguageiras que atendam às necessidades do momento do mesmo modo que o entrevistado agirá linguística e estrategicamente de modo a atender às exigências da entrevista. De modo que ambos os parceiros da troca comunicativa estarão ocupados em cumprir as “regras” que regem o contrato de comunicação com o objetivo fim de exercerem seus papéis de sujeitos.

Nesse sentido, tanto entrevistador quanto entrevistado se ocuparão de cuidar da formalidade da linguagem, de construir enunciados com escolhas lexicais adequadas ao momento, de parecerem equilibrados em seu modo de entonação e de parecerem cultos um ao outro com o propósito de atender às demandas estruturais da língua (principalmente do ponto de vista da linguagem formal, dadas as particularidades do momento comunicativo em questão – uma entrevista de emprego). Assim, ocupamo-nos de propor essa noção de contrato para compreender que os elementos estruturais da língua não devem ser tomados por si mesmos, sendo imprescindível que compreendamos que todos eles são constitutivos do todo comunicativo que os estudos linguísticos envolvem. Essa noção de Charaudeau

<sup>2</sup> Comentário proferido pela professora Dra. Ida Lucia Machado em aula sobre as contribuições de Patrick Charaudeau para a Análise do Discurso no Brasil, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, em abril de 2018.

em relação ao contrato de comunicação e as especificidades da produção comunicativo-lingueira que se concretiza por intermédio dessas “regras” dão origem a uma preocupação com o tipo de texto que deverá ser produzido durante o ato comunicativo. Dessa forma, nasce um cuidado elementar sobre os tipos de produções comunicativo-lingueiras e suas respectivas características, que englobam, evidentemente, nossa preocupação central neste artigo: os elementos morfossintáticos.

Sob o escopo do ato comunicativo, então, é que as reflexões sobre morfossintaxe são propostas neste trabalho. Além disso, nossa preocupação se dá também em relação direta com a dificuldade que enfrentamos na prática profissional enquanto professores de língua materna de atender às demandas dos estudos sobre a estrutura linguística e sobre o colocar a língua em uso sem separar necessariamente essas duas áreas como se fossem antagônicas dentro do ensino de língua portuguesa. Dessa forma, surge, então nossa problemática: qual é o papel da morfossintaxe no ensino de língua portuguesa? Como podemos nos ocupar de refletir sobre as estruturas linguísticas da perspectiva da língua posta em uso no discurso?

Para abordar essas questões, propomos uma reflexão sobre os eixos sintagmático e paradigmático sempre com a visão da língua como ato comunicativo, passando, então, pelas preocupações sobre as produções comunicativo-lingueiras e suas características, o que nos levará a pensar sobre algumas concepções que podem ser levantadas para o estudo estrutural da língua portuguesa em sala de aula. Assim, o estudo da morfossintaxe parece ser um modo equilibrado quando se trata de estrutura da língua, já que métodos como a tradicional análise sintática não parecem ter mostrado eficácia para fazer com que os estudantes se utilizem da norma culta da língua de modo completamente satisfatório.

Por isso, afirmamos que o ensino prescritivo não parece ser o bastante no objetivo de fazer com que o aluno conheça as regras do contrato de comunicação, colocando em prática as diferentes formas de se comunicar em língua portuguesa: quer seja em linguagem formal, quer seja em linguagem informal, quer seja se valendo de uma gramática puramente interna, quer seja valendo-se da gramática praticada em ambientes formais de uso da língua. Ora, o estudante consegue produzir, do modo esperado, textos específicos que estão sob a égide das atividades solicitadas pelo professor? É nesse sentido que percorre nossa reflexão neste artigo.

## Morfossintaxe: a união de dois tipos de estudos linguísticos que auxilia na reflexão sobre a estrutura da língua

A noção de contrato, a qual expusemos brevemente em nossa introdução, nos serve aqui de pano de fundo para que afinal reflitamos sobre os elementos morfossintáticos e o papel deles nos processos de comunicação humana. Dessa maneira, não nos compete aqui afadigar essa noção, pois

o foco de nosso trabalho reside na importância de não deixarmos de lado as estruturas linguísticas quando das atividades escolares em língua portuguesa. Assim, fica nosso foco, especialmente nesta seção, na noção de morfossintaxe e em algumas reflexões sobre esse estudo em sala de aula sempre pensando no processo comunicativo que acontece por intermédio das línguas naturais.

Nos termos mais puramente singelos, podemos pensar em morfossintaxe como a união de conceitos morfológicos e sintáticos que auxiliam na reflexão sobre os termos de uma oração. Para isso, de acordo com Sautchuk (2004), um falante articula pelo menos duas atividades estruturalmente linguísticas que são denominadas pela autora como a escolha de uma forma linguística e a relação desta com outras formas que serão escolhidas posteriormente. “No lugar onde as formas linguísticas são escolhidas está o chamado ‘eixo paradigmático’. No lugar em que essas formas se articulam está o ‘eixo sintagmático’” (LANDIM, 2011, p. 16). Dessa forma, o eixo paradigmático é composto pelas peças que deverão ser utilizadas pelo falante no ato comunicativo, o que não exclui evidentemente a linguagem escrita, e o eixo sintagmático é o arranjo dessas peças organizado pelo falante, ou seja, são as diversas funções que uma expressão tem dentro de uma oração.

Além disso, é importante que não excluamos as condições de produção desses enunciados/orações que determinarão a correta compreensão desses eixos. Nesse sentido, a noção de contrato de comunicação de Charaudeau (2004) nos parece importante, uma vez que, por intermédio dela, podemos observar o papel dos sujeitos no ato comunicativo resultando, dessa maneira, num enunciado específico e não em outro, numa escolha morfossintática específica e não em outra. E é desse ponto de vista que as escolhas do falante na ótica do eixo paradigmático e sintagmático devem ser levadas em consideração. Assim, preocupados agora com a constituição estrutural de um enunciado, o eixo sintagmático se associa com as relações entre as palavras e o eixo paradigmático se associa com as classes das palavras, ou seja, com a morfologia.

Sem deixar de lado a perspectiva comunicativa da língua e sabendo que esses dois eixos são elementares na construção das atividades comunicativo-linguísticas e que os enunciados, em sua essência estrutural, são a materialização desse processo mental do falante que considera também, ainda que inconscientemente, as condições em que se encontra para produção de sua fala/discurso por meio das regras do contrato de comunicação, chamamos a atenção aqui para a relevância das questões estruturais no estudo da língua materna. Isso implica chamar à cena do ensino de língua portuguesa em sala de aula todos esses elementos sem que nenhum deles tenha uma tratativa desprezível: as questões estruturais e comunicativas devem andar juntas, sempre chamando a atenção do aluno para o fato de que todas as noções estudadas são necessariamente colocadas em prática no jogo comunicacional.

Não temos a intenção de ser exaustivos e conceituar detalhadamente o que cada um desses eixos representa nos estudos linguísticos, pois nosso foco é tomar os estudos morfossintáticos da pers-

## Morfossintaxe e o ensino de língua materna: uma reflexão sobre estruturas que materializam a comunicação em língua portuguesa

pectiva da comunicação para que, então, possamos entrar na reflexão sobre a prática do professor em sala de aula no que se refere ao ensino de língua portuguesa. Assim, o que pretendemos neste artigo é corroborar o ideal de que não defendemos a ideia de que a língua deva ser estudada somente em sua função estrutural. Cabe ao professor de língua portuguesa equilibrar as funções estruturais e comunicativas em sala de aula de modo que o aluno possa alcançar os objetivos propostos pela escola, qual seja o de dominar o ato de comunicação reconhecendo-o e manejando a língua de acordo com as regras do contrato ao qual está exposto. É por isso que é importante lembrar que

toda mensagem linguística é composta por um conjunto de elementos que, consoante o efeito comunicativo pretendido, se combinam entre si, estabelecendo relações sintagmáticas e desempenhando, cada um deles, uma função distinta nessa combinação, isto é, uma função sintática (AMORIM, 2003, p. 9).

É por isso que a união entre o eixo paradigmático (mais voltado aos estudos morfológicos) e o eixo sintagmático (mais voltado aos estudos sintáticos) se dá sob o escopo de um ato de comunicação, sempre preocupada com as “regras” do contrato (proposto acima na formulação de Charaudeau) e sempre ancorada em um estilo que dará corpo ao “tipo” de produção comunicativo-linguística a que os falantes estão inseridos. Dessa forma, podemos dizer que os elementos sintáticos e morfológicos também são constitutivos do processo comunicativo. Também é importante salientar que a combinação dos elementos sintáticos e morfológicos se dá pelo usuário da língua de uma forma muito rápida e talvez até mesmo inconsciente, porém é ela que corrobora a união intrínseca entre os dois eixos.

Uma das maneiras de exemplificar essa união, por exemplo, está no campo da concordância. Assim, de acordo com Carone (1995, p. 58),

sendo [a concordância] uma alteração mórfica, que se passa no corpo das palavras, é também de natureza sintática, visto que só concordam entre si termos entre os quais se estabelece uma conexão: verbo e sujeito, substantivos e seus adjuntos (artigo, numeral, pronome adjetivo, adjetivo).

Com essas reflexões em mente, podemos compreender que pensar em morfossintaxe não se liga apenas a questões de estrutura da língua em si e por si mesma. Antes, é possível pensar em elementos sintagmáticos e paradigmáticos unidos sempre sob o escopo de um ato comunicativo. Estudar morfossintaxe, nesse sentido, passa a ter foco não nas estruturas puramente ditas, mas na capacidade humana de comunicação, o que poderá tornar as aulas voltadas à gramática um pouco mais interessantes do ponto de vista dos estudantes.

Sendo assim, passar de situações comunicativas conhecidas para as desconhecidas, refletindo sobre as produções comunicativo-linguísticas de cada uma delas, poderá fazer com que o aluno se volte com mais interesse para os estudos da língua portuguesa. Isso porque ele não é tratado como alguém que “não sabe” a língua, mas que se encontra em sala de aula com o objetivo de desenvolver

ainda mais suas capacidades de comunicação e refletir sobre as regras que a colocam em jogo. Essa é uma ideia defendida por muitos e que pode ser testificada em Luft (1998, p. 12) sobre o ensino da língua materna que deve passar

de uma postura normativa, purista e alienada à visão do aluno como alguém que já sabe a sua língua, pois a maneja com naturalidade muito antes de ir à escola, mas precisa apenas liberar mais suas capacidades nesse campo, aprender a ler e escrever, ser exposto a excelentes modelos de língua escrita e oral, e fazer tudo isso com prazer e segurança sem medo.

Para além de um estudo tradicional, preconizamos com nossa reflexão que os estudos morfossintáticos podem estar envolvidos numa perspectiva comunicativa sem perder o foco da importância das estruturas linguísticas nas aulas de língua materna. Assim, dessa perspectiva, sempre levando em consideração que o aluno é capaz de falar a língua e que está na escola para aprimorar suas capacidades, é que preconizamos um estudo preocupado com essas noções. Dessa maneira, “existe um sistema que domina a língua como veículo de comunicação já que todo falante segue regras ao comunicar-se [...]. Estudar esse sistema não é ignorar o lado mais importante da língua: o evento comunicativo” (LANDIM, 2011, p. 22).

Essa maneira de tratar do estudo linguístico vai ao encontro de um elemento indispensável em sala de aula: a produção de textos. Assim, com base nas regras do contrato de comunicação, ao qual o falante está exposto quando coloca em jogo a língua no ato comunicativo, é que o professor deve situar sua prática em sala de aula.

## Considerações sobre as bases do ensino de língua materna

As questões sobre estrutura da língua, como é o caso da morfossintaxe, nos levam ao caminho da gramática. É sabido entre linguistas e professores de língua que, quando se trata de gramática, algumas possibilidades podem se erguer. Dessa forma, podemos levantar algumas questões, segundo Antunes (2007), que tratam: 1) das regras que indicam o funcionamento de uma língua, correspondendo a uma competência internalizada da gramática de uma língua; 2) das regras de uma determinada norma, como é o caso da norma culta, que tem seu funcionamento em setores mais formais de uso de uma língua; 3) das perspectivas teóricas em relação aos estudos linguísticos; 4) da própria gramática escolar; e 5) de uma obra que descreve ou prescreve as regras de uso de uma língua (mais frequentemente conhecidas como aquelas que determinam as regras do “bom” uso da língua, ou seja, as prescritivas, bem como aquelas da ordem da descrição, ou seja, descrevem sem julgamentos o funcionamento de uma determinada língua).

Isso posto, vamos considerar aqui ao menos três dessas perspectivas do termo “gramática”, para que possamos traçar um caminho que se ancora na importância do estudo da língua de modo holís-

tico. Em outras palavras, procuramos nos posicionar ao lado dos estudos linguísticos que não suplantem os fatos sociais da língua, haja vista nossa preocupação com as regras que colocam em jogo o ato comunicativo sob a égide do contrato de comunicação de Charaudeau (2009), ainda que se ocupem de questões estruturais, e isso porque as estruturas só se mostram possíveis pois os eventos comunicativos são reais. Dessa maneira, passaremos moderadamente pela gramática normativa, pela gramática descritiva e pela gramática escolar, para então desembocar em uma postura que corrobora todas as nossas reflexões até aqui, a saber, algumas regras que colocam em jogo o ato de comunicação.

Em primeiro ponto, mas não mais importante, a gramática normativa é uma das noções mais comuns de gramática que se tem conhecimento. Isso porque a gramática normativo-prescritiva é aquela que se ocupa de prescrever regras para o uso “correto” de uma língua. De acordo com Possenti (1996, p. 64), ela “é a mais conhecida do professor [...], porque é em geral a definição que se adota nas gramáticas pedagógicas e nos livros didáticos”. É uma gramática que se ancora em convenções socioideológicas com pretensões envaidecidas como se fosse a única forma de falar bem uma língua.

Encontramos ainda a existência da gramática descritiva. Nela, o papel do gramático e do estudante de gramática é diferente, pois as bases são da ordem da explicação. Assim, como nos afirma Possenti (1996, p. 65),

pode haver diferenças entre as regras que devem ser seguidas e as que são seguidas, em parte como consequência do fato de que as línguas mudam e as gramáticas normativas podem continuar propondo regras que os falantes não seguem mais – ou regras que muito poucos falantes ainda seguem, embora apenas raramente.

Nesse sentido, pode-se notar a diferença de caráter entre as duas perspectivas gramaticais: uma tem o caráter prescritivo, dotado de mandamentos do bom falante, e a outra possui caráter explicativo. Fica então o questionamento: qual gramática deve ser proposta aos alunos na escola brasileira?

A gramática escolar, que tem caráter de disciplina educacional, por sua vez, tem

maior índice de uso [...]. É ela que está por trás das famosas aulas de gramática e que constitui, em geral, a grande dor de cabeça da comunidade escolar, dos professores e técnicos, da comunidade extraescolar (pais, sobretudo) e, até mesmo, dos próprios alunos mais adiantados que “aprenderam muito bem as lições anteriores”, pois só acreditam que estão estudando a língua se a disciplina gramática estiver no começo, no meio e no fim de todos os programas de estudo (ANTUNES, 2007).

Uma possível resposta para esse impasse que se instala na maioria das dificuldades enfrentadas pelos professores de língua materna, não tendo sido diferente em nossa prática profissional, pode estar no aperfeiçoamento do conhecimento gramatical internalizado pelo aluno, ou seja, aquele que o aluno traz em sua bagagem cultural para a escola. Assim, encaramos o aluno como falante da língua materna que deve ser exposto aos mais diversificados tipos de texto para que possa compreender

as demandas dos diferentes contratos comunicativos que eles representam. Colocar diante do aluno uma narrativa clássica pode fazer com que ele compreenda que até mesmo no sentido estrutural podemos perceber variantes se a compararmos a textos informais como conversas entre amigos, por exemplo. Outro exemplo pode ser expor o aluno a notícias (orais e escritas) que podem desenvolver nele a habilidade de compreender as requisições desse tipo de texto como o uso de uma linguagem formal, o direcionamento da narrativa noticiosa para um leitor em potencial, as intenções do autor da notícia e as impressões do aluno como leitor da notícia, dentre outros aspectos.

Sob a égide das noções de análise de um determinado texto dentro da ótica comunicacional, pode-se chamar a atenção do aluno para elementos estruturais que colocam em prática esse jogo comunicativo. Assim, para além de uma perspectiva puramente tradicional e estrutural, o trabalho com a estrutura da língua materna pode se tornar mais expressivo e mais significativo do ponto de vista do desenvolvimento do aluno.

A partir de agora, passaremos a considerar sem exaustão algumas noções que nos inspiraram no trabalho com língua materna em sala de aula.

## Ensino de língua materna: reflexões sobre uma prática pedagógica

Durante a prática em sala de aula com língua materna, em anos fomos levados a questionar a utilidade das chamadas análises sintáticas puramente linguísticas, com frases criadas somente para esse tipo de prática ou até mesmo frases retiradas de textos e descontextualizadas de sua realidade comunicativa. Assim, ao estudarmos sobre a temática, entramos em contato com algumas reflexões que nos auxiliaram no tocante à prática de um estudo da língua bem fundamentado em noções que não deixam de lado o sentido e que sejam significativas para os alunos.

Em nossa visão, o momento destinado ao estudo dos processos comunicativos pode ser entrecruzado por uma prática morfofossintática que corroborará uma abordagem mais holística durante os estudos. Assim, pensamos que o trabalho com gramática sob essa perspectiva, segundo Silva (2004, p. 84),

parece [...] fundamental no processo escolar: atingida a maturidade necessária [...], um ensino sistemático de gramática, embasado em princípios teóricos explícitos, coerentes e adequados ao nível escolar, é uma atividade racional que só enriquecerá a capacidade de raciocínio, de reflexão e de possibilidades de criação e de sua expressão pelo estudante. Colocaria esse tipo de ensino, tal como antes qualificado como tão significativo quanto o da matemática, o da filosofia e o de outras formas de expressão criadora, as diversas formas de expressão artística.

A morfofossintaxe nesse sentido, sob a égide das particularidades de cada contrato de comunicação e de cada manifestação comunicativo-linguagem, “é só um princípio estrutural que organiza os elementos mórficos e os elementos sintáticos – uma relação de dependência que articula dois functivos, ge-

rando uma *unidade superior*" (CARONE, 1995, p. 101, grifos nossos). Essa unidade superior, para além da oração, pode estar ligada ao enunciado no ato de enunciação, qual seja, o de colocar a língua em uso no discurso, em uma prática comunicativa que, por sua vez, demanda "regras" específicas de seu respectivo contrato de comunicação. Essa noção dialoga muito com Antunes (2007, p. 104), para quem "existem situações sociais diferentes: logo, deve haver também padrões de uso da língua diferentes".

Dessa forma, iniciamos uma prática pedagógica em língua materna mais voltada aos atos de comunicação e às discussões de textos específicos que traziam para a aula um desejo de compreender os textos aos quais os alunos eram expostos. Por isso, levar à sala de aula textos reais, tais como clássicos da literatura, notícias de jornais impressos e televisivos, charges, propagandas de revistas e de TV que colocavam em xeque a compreensão por meio de elementos estruturais, nos auxiliou muito nos processos de trabalhos morfossintáticos com a língua portuguesa. Mesmo em face da "era de rejeição" à análise das estruturas linguísticas, ainda conseguimos trazer à sala de aula um estudo interessante delas, sempre voltados às preocupações comunicativas de cada texto. O resultado disso foram produções textuais bastante coerentes e com boa qualidade por parte dos alunos. Essa postura, enquanto professores de língua materna, ratifica as possibilidades de estudo da língua por intermédio de textos em situações comunicativas de Marcuschi (2008, p. 51, grifos nossos), que propõe algumas das possibilidades com as quais o professor pode trabalhar:

- a. As questões do desenvolvimento histórico da língua.
- b. *A língua em seu funcionamento autêntico e não simulado.*
- c. As relações entre as diversas variantes linguísticas.
- d. As relações entre fala e escrita no uso real da língua.
- e. A organização fonológica da língua.
- f. *Os problemas morfológicos em seus mais variados níveis.*
- g. *O funcionamento e a definição de categorias gramaticais.*
- h. *Os padrões e as organizações das estruturas sintáticas.*
- i. A organização do léxico e a exploração do vocabulário.
- j. Os funcionamentos dos processos semânticos da língua.
- k. *A organização das intenções e dos processos pragmáticos.*
- l. As estratégias de redação e questões de estilo.
- m. A progressão da temática e a organização tópica.
- n. *A questão da leitura e da compreensão.*
- o. O treinamento do raciocínio e da argumentação.
- p. O estudo dos gêneros textuais.
- q. O treinamento da ampliação, redução e resumo do texto.

- r. O estudo da pontuação e da ortografia.
- s. Os problemas residuais da alfabetização.

Os grifos foram acrescentados para confirmar que a temática das estruturas linguísticas pode e deve estar presente em um ensino de língua materna consciente, que expõe o aluno a textos que desenvolvam nele a capacidade de produção linguística esperada pela escola. Por isso, consideramos que o professor que expõe o aluno ao estudo da língua sob a égide dos processos comunicativos sem desprezar os estudos das estruturas, e tem esses elementos como aliados à sua prática pedagógica, obtém excelentes resultados. “O manuseio da língua caracterizado pela leitura, escrita, situações comunicativas orais e práticas não pode ser substituído pelas reflexões [puramente] estruturais da língua” (LANDIM, 2011, p. 33). É por isso que consideramos, dentre outros aspectos, as questões morfossintáticas como parte das ferramentas que dão suporte ao professor em sua prática pedagógica, sendo importante auxiliador nos processos de ensino-aprendizagem de língua materna.

## Considerações finais

Finalizando nossas reflexões sobre os olhares que lançamos à morfossintaxe, passamos por importantes noções que, em nossa compreensão, servem de pontos cruciais no objetivo de responder à problemática inicial de nosso artigo. É importante salientar que invocamos a formulação de contrato de Charaudeau (2004) com o intuito de fundamentar nosso posicionamento enquanto professores de língua que se preocupam com as regras que propõem a materialização da comunicação. Por isso, cada ato comunicativo (ou enunciativo) coloca em movimento estruturas linguísticas e processos comunicativo-linguageiros que constroem os diversos tipos de texto constitutivos das atividades sociais.

Portanto, desenvolver as temáticas da morfossintaxe como a união dos eixos sintagmático e paradigmático no estudo da língua materna, passando pelas bases que, em nosso ponto de vista, devem alicerçar e guiar as práticas de ensino de língua materna, desembocando em reflexões que tiveram como inspiração nossa própria prática pedagógica, pode ser uma maneira de compreender que o papel da morfossintaxe (problemática proposta em nossas considerações iniciais) no estudo da língua materna é o de uma ferramenta de reflexão sobre as estruturas que colocam em prática os processos comunicativos da língua em seu âmbito mais natural: o da comunicação entre as pessoas.

O papel do professor no ensino de morfossintaxe sob essa visão, dessa forma, parece-nos ser o de incentivador, motivador e orientador de atividades que desenvolvam nos alunos a capacidade linguística, cognitiva e de comunicação para que possam reconhecer as regras dos mais variados contratos comunicativos e, assim, chegarem ao ideal de boas produções textuais, quer sejam orais, quer sejam escritas. Dessa forma, ao propor esta reflexão, acreditamos no potencial do estudo da língua provido de sua mais importante função: a de comunicação nos mais variados campos da sociedade.

Sugerimos, finalmente, que os estudos da morfossintaxe, bem como de todos os elementos estruturais linguísticos que materializam a comunicação, possam ser continuados por pesquisadores que se interessem pela temática em diversos desdobramentos relevantes. Entre eles, podemos mencionar: propostas de atividades pedagógicas que englobem a estrutura linguística em sala de aula sob a égide da comunicação; o papel do professor como orientador de produção de textos que se utilizam de estruturas linguísticas específicas em suas mais variadas facetas; verticalização das temáticas dos eixos sintagmático e paradigmático; compartilhamento de experiências vivenciadas em sala de aula no âmbito de uma perspectiva comunicativa e que levaram em consideração essa temática; o estudo dos gêneros textuais e as estruturas linguísticas específicas desses textos, dentre outros.

## Referências

- AMORIM, M. C. F. **A posição do sujeito em português**. 2003. 145f. Dissertação (Mestrado em Linguística Geral) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003.
- ANTUNES, I. **Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CARONE, F. B. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELO, R. (Orgs.). **Gêneros: Reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2004, p. 13-41.
- LANDIM, A. F. M. **Morfossintaxe e o ensino de língua materna: um olhar às estruturas linguísticas que materializam a comunicação**. 2011. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (*Lato sensu* em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira) – Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP, 2011.
- LUFT, C. P. **Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna**. São Paulo: Parábola Editorial, 1998.
- POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.
- SAUTCHUK, I. **Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo)sintática**. Barueri: Manole, 2004.
- SILVA, R. V. M. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.